

Tempo e entropia

Sonia Alberti

“Não existe tempo no mundo não transformado, não medido, não analisado”.

Dr. João Luiz Kohl Moreira, *físico*.

Começo com a psicanálise em seu tempo para o que isolo nosso tempo em relação à ciência, uma das muitas referências nesse amplo tema. Para introduzir diretamente a questão, digamos que na época da criação da psicanálise com Freud o campo da física vivia um grande rebolejo! Com efeito, em 1905, quando Freud publicava a primeira versão de seus “Três ensaios da sexualidade”, Einstein formulava a teoria da relatividade! E qualquer um de nós sabe o quanto aqueles Ensaios e essa teoria significaram para todo novo tempo então inaugurado!

A entropia, a neguentropia e a informação

O termo de entropia – referido por Freud em 1920 para articular a pulsão de morte, como sabem – foi lançado no campo da física em 1862, por Clausius. Num sistema, se ele não está recebendo nada de fora, como diria Boltzmann (1844-1906), a energia vai se dissipando e a entropia vai crescendo. Naquele tempo, o alcance da operacionalidade do conceito não foi bem medido porque seriam precisas – para além da teoria da relatividade – várias outras contribuições que se acrescentaram à sua primeira formulação. Note-se que Lacan acompanhava os desenvolvimentos do conceito, o que se verifica nas referências que a eles fez ao longo de seu ensino mesmo se estas não foram muitas, de acordo com as minhas pesquisas. Sublinho particularmente a seguinte, encontrada em seu *Seminário 17, O avesso da psicanálise*: “[...] não há somente a dimensão da entropia no mais-de-gozar. Há outra coisa, que alguém percebeu, é que o saber, isso implica a equivalência entre essa entropia e uma informação”¹. Com efeito, as várias outras contribuições que se acrescentaram à primeira formulação da entropia encontraram seu ápice com a contribuição vinda da teoria da informação, na década de 1940.

Num texto de Michel Bousseyroux lê-se que a teoria da informação nasceu “graças às pesquisas de Nyquist, Hartley e, sobretudo do Shannon, sobre o telégrafo e o telefone da Companhia Bell”² –

¹ Lacan. Le Séminaire, livre XVII: L'envers de la psychanalyse (1969-70/1991, p.94). No original: “[...] il n'y a pas que la dimension de l'entropie dans ce qui se passe du côté du plus-de-jour. Il y a quelque chose d'autre, dont quelqu'un s'est aperçu, c'est que le savoir, ça implique l'équivalence entre cette entropie et une information”.

² Bousseyroux. Réponses aux questions (www.champlacanianfrance.net/IMG/pdf/mbousseyroux.pdf, p. 1).

³ Lacan. L'Étourdit (1973).

⁴ *Ibid.*, p. 46. No original: “une fonction de code s’y exerce par ou se fait la néguentropie de résultats d’observation. Bien plus, des conduites vitales s’y organisent de symboles en tout semblables aux nôtres (érection d’un objet au rang de signifiant du maître dans l’ordre du vol de migration, symbolisme de la parade tant amoureuse que du combat, signaux de travail, marques du territoire), à ceci près que ces symboles ne sont jamais équivoques”.

⁵ **Negative entropy or negentropy or syntropy** of a living system is the entropy that it exports to maintain its own entropy low. The concept and phrase were introduced by [Erwin Schrödinger](#) in his 1943 popular-science book *What is life?*. Later, [Léon Brillouin](#) shortened the phrase to *negentropy*, to express it in a more “positive” way: a living system imports *negentropy* and stores it. [...] In a note to [What is Life?](#) Schrödinger explained his use of this phrase: “[...] if I had been catering for them [physicists] alone I should have let the discussion turn on [free energy](#) instead. It is the more familiar notion in this context. But this highly technical term seemed linguistically too near to *energy* for making the average reader alive to the contrast between the two things” (NEGENTROPY, <http://en.wikipedia.org/wiki/Negentropy>).

que o autor identifica como “as primeiras latusas”. Ao identificarem a informação como inversa à entropia, os teóricos da informação permitiram que se levantasse a hipótese de que a entropia é gerada num sistema na proporção inversa do acúmulo de informação. Se esse sistema é vivo, ele exporta entropia (Schrödinger), o que equivale a dizer que ele é neguentrópico ou, ele importa neguentropia (Brillouin) e a acumula, importa informação e a memoriza, visando à maior duração da vida e sua manutenção. Como aponta Lacan³ em “L’Étourdit”, os animais nisso fazem de nós seus caçulas, pois é:

[...] uma função de código que aí se exerce através da qual se dá a neguentropia de resultados de observação. Mais que isso, condutas vitais aí se organizam a partir de símbolos perfeitamente semelhantes aos nossos (ereção de um objeto ao nível de signifiante do mestre na ordem do voo de migração, simbolismo da parada amorosa e do combate, signos de trabalho, marcas do território), com exceção do fato de que esses símbolos jamais são equívocos⁴.

Eis porque foi possível a Freud identificar as pulsões de vida na contramão da entropia: elas dizem respeito aos investimentos das informações – os traços mnêmicos que armazenamos em cadeias associativas. Se entendemos o saber como inscrição de informação, então, como diz Bousseyroux, o “reservatório das informações” é neguentrópico⁵, enquanto que o campo dos gozos é entrópico, já que os gozos só se recuperam sob a condição de uma entropia. “Se a neguentropia tem o sentido inverso da entropia física, então, quanto mais o campo das latusas aumenta – e ele *ciberaumenta!* – mais crescem as perdas produzidas”⁶. Assim, ao mesmo tempo em que o telefone e o telégrafo deram a possibilidade aos teóricos da informação de identificar esta com a neguentropia, promoveram o aumento da entropia, pois não é possível telefonar ou telegrafar sem com isso dissipar mais energia e, portanto, aumentar as perdas produzidas.

Três recortes históricos do tempo na física

Na física clássica, o tempo é uma consistência. Acreditava-se que existia algo chamado tempo que fluía e podia ser medido, por fazer parte da estrutura fundamental do Universo como uma dimensão

na qual os acontecimentos ocorrem em sequência. Como sistema de referência absoluto, o tempo newtoniano é uma base de referência em que se tomam três dimensões do espaço mais o tempo. O tempo seria, no conceito clássico da física, um “relógio” com marcha sempre constante, sem instante inicial nem final. Este é o princípio da uniformidade do tempo: as coisas mudam, mas o tempo é sempre o mesmo, constante. Seria necessário aguardar Einstein para que se pudesse identificar de que consistência se tratava.

Dois séculos depois de Newton (4 de janeiro de 1643 – Londres, 31 de março de 1727), no século XIX mais precisamente, muita coisa começou a mudar. E para construir a relatividade, Einstein, na esteira do trabalho de Maxwell e de Lorentz, passou a situar o tempo como uma grandeza relativa, oposta à concepção realista:

[...] o tempo já não se refere a nenhuma espécie de “continente” atravessado pelos acontecimentos, nem tampouco [é] uma entidade que “flui”, mas, no lugar disso, *é parte de uma estrutura intelectual fundamental (junto com o espaço e o número) através da qual os humanos sequenciam e comparam os acontecimentos*. Esta segunda aceção, [...] sustenta que o tempo não é nem um acontecimento nem uma coisa, *não sendo portanto em si mensurável*⁷.

De fato, ao contrário das outras grandezas referentes ao espaço, e que podemos medir com uma régua ou trena, o tempo não seria mensurável. O tempo não se mede, *se conta*, se cifra, poderíamos dizer com a observação de Lacan⁸ de que aquilo que se cifra é da ordem do gozo.

Não podemos usar uma régua para medir o tempo. Usamos o chamado relógio. Mas o relógio é um dispositivo de contagem. Sejam os badalos de um pêndulo, sejam as batidas de uma mola, sejam grãos de areia ou a frequência de transição de elétrons em órbita de um átomo, todas as formas de medir o tempo são de *contagem* e não de *medida*⁹.

Isso não é sem relação com a observação de Lacan na conferência de 1 de junho de 1972, no bojo de seu curso *O saber do psicanalista*. Nessa conferência, Lacan observa o seguinte: teria havido um

⁶ *Réponses aux questions*, op. cit., p. 1. No original: “La néguentropie que ayant le sens inverse de l’entropie physique, est-ce à dire alors que plus le champ des lathouses grandit — et il cybergrandit! — plus s’accroissent les pertes produites [...]”.

⁷ TIME (<http://en.wikipedia.org/wiki/Time>). Grifo meu.

⁸ Lacan. Le Séminaire, livre XXI: Les non dupes errent (1973-74, lição de 20 de novembro de 1973).

⁹ Moreira. O tempo na física (http://www.daf.on.br/jlkm/Opiniao/O_tempo_na_fisica.html).

10 “cuja relação não pode ser expressa por um número inteiro ou fracionário (diz-se de relação de grandezas)”. In: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

11 Lacan. O saber do psicanalista (1971-72, lição de 1 de junho de 1972).

12 Lacan. *Le Séminaire*, livre IX; *L'identification* (1961-62).

13 *O saber do psicanalista*, *op. cit.*, lição de 1 de junho de 1972.

14 *Ibid.*, lição de 1 de junho de 1972.

15 *Time*, *op. cit.*

16 Lacan. *D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose* (1956/1966).

dia em que os pitagóricos – ainda na Grécia antiga – esbarraram na $\sqrt{2}$. A $\sqrt{2}$, justamente, é incomensurável¹⁰. Isso teria sido retomado pelos filósofos e, se na época ninguém esteve à altura de responder à questão, nem por isso deixaram de com ela se darem conta de que “o incomensurável existia, e com isso se começava a colocar a questão sobre o que era o número”¹¹. Algo no número furava o número!

O tempo, com as mudanças que a física sofreu no início do século XX, tornara-se então uma grandeza relativa, não mensurável. Quando se trabalha na física e se é forçado a escrever as grandezas *sem possibilidade de medida*, utiliza-se o artifício de anotá-las sempre multiplicadas por *i*, ou seja, o número imaginário, $\sqrt{-1}$, como Lacan¹² o retomaria já no *Seminário 9, A identificação*. Número imaginário, porque permite lidar, de alguma forma, com o real que revela – da mesma forma como o falo revela o furo, ainda no mesmo *Seminário 9*. E de que real, no contexto? Aquele que faz objeção ao número inteiro: “Em suma, quanto mais se façam objeções ao Um, quer dizer, ao número inteiro, mais se demonstra que é justamente do impossível que em matemática se engendra o real”¹³.

Assim, o tempo passa a ser uma grandeza identificada com o número imaginário, apesar de não haver “nada de menos imaginário do que $\sqrt{-1}$ ”¹⁴, como muito bem Lacan se refere a isso nesse seu *Seminário*. Articulando isso à primeira lição do *Seminário 21*, em que Lacan (1973-4) associa e equivale os três registros, real, simbólico e imaginário, concluímos, necessariamente, que a *dit-mansion* engendrada pela “parte de uma estrutura intelectual fundamental (junto com o espaço e o número) através da qual os humanos sequenciam e comparam os acontecimentos”¹⁵, ou seja, o tempo, a partir do momento em que Einstein o derruba como referência absoluta, é o próprio I da articulação dos três registros: real, simbólico e tempo.

O fato é que a matemática da qual se serve Einstein, de Poincaré, já é uma topologia em formação. É uma geometria que introduz sentido furando as transformações de Lorenz que auxiliaram Einstein a propor a teoria da relatividade, da mesma forma que observávamos Lacan dizer: o imaginário fura o simbólico porque introduz nele o sentido. Quando estudávamos o plano projetivo no qual se baseia a construção do Esquema R¹⁶, não há dúvida que a banda de Moebius já estava presente em sua formulação. O plano

projetivo que já se impusera na época newtoniana implica o furo, mesmo se é somente com a topologia no século XX que se passará a pensar *a partir* dos furos!

Informação e tempo

Na realidade, a partir da década de 1940, associando as pesquisas físicas com as da teoria da informação, entende-se que a entropia age no sentido sempre de *destruir a informação*. Para imaginarizar-mos tal constatação, basta lembrar que, não importa o que se faça, um disco vai perdendo a informação à medida que o tempo passa – ele arranha, enche de poeira... ou quebra –, e o mesmo se dá com o achado arqueológico, por exemplo. Isso permite levantar a hipótese de que a ação do tempo não é senão a própria ação da entropia. *O tempo é a manifestação da entropia*. Logo, o tempo, como grandeza primária não existe, ele é derivado da ação da entropia. O que, evidentemente, provoca a necessidade de se explicar a definição que conhecemos do inconsciente por Freud: ele é atemporal, mas regido, singularmente, pela pulsão de morte – aquela que Freud associa diretamente à entropia. O inconsciente como atemporal é o inconsciente do saber, em que traços mnêmicos se associam e se inscrevem sem levar em conta, minimamente, o tempo que separa uma lembrança da outra. Tal como, aliás, as coisas ocorrem no mundo quântico em que tampouco as coisas ocorrem em qualquer referência ao tempo. Por sua vez, a repetição do gozo sempre o mesmo é o que faz passar o tempo para um sujeito. Se “o tempo tudo apaga”, com o físico Boltzmann e o teórico da informação Shannon é a entropia que “tudo apaga”. O tempo é, portanto, entropia. Ficar jovem, ao contrário, é poder armazenar sempre mais informação e manter ocupados os estados, o que a sabedoria popular conhece muito bem quando se reafirma a necessidade de se ocupar no envelhecimento. Na tentativa de lentificar o efeito entrópico, o psiquismo se complexifica.

Ainda no *Seminário 17*, Lacan identifica a “energética” com a rede de significantes. “Vocês ignoram que a energética é a mesma coisa [...] que um aplique da rede dos significantes sobre o mundo?”¹⁷. Para justificar essa conceituação, Lacan sugere a seguinte experiência: Desçam uma ladeira com 80 quilos nas costas e depois

¹⁷ *Le Séminaire, livre XVII, op. cit.*, p. 54. No original: “Ignorez-vous que l'énergétique, ce n'est pas autre chose, [...] que le placage sur le monde du réseau des signifiants?”

18 *Ibid.*, p. 54. No original: “Mais si vous plaquez là-dessus les signifiants, c’est-à-dire si vous entrez dans la voie de l’énergétique, il est absolument certain qu’il n’y a eu aucun travail”.

a subam. Para quem o fizer, duvido que isso não tenha sido um grande trabalho! “Mas se vocês aplicarem sobre isso os significantes, quer dizer, se vocês entrarem na via da energética, é cem por cento certo que não houve nenhum trabalho”¹⁸. Por quê? Porque para o estudo da mecânica trabalho é força vezes a distância percorrida. Logo, se você desce 80 quilos, a força da gravidade exerce um trabalho equivalente à altura, e na volta a gravidade faz um trabalho negativo igual. Logo, o trabalho da gravidade foi nulo. O problema é que, para a mecânica nessa experiência, trabalho é da força da gravidade que, no exemplo, se anula. Ao se inscrever a ação com significantes da mecânica, não há nenhuma referência à entropia. No máximo, há neguentropia, aumento de informação. Mas essa inscrição também se faz, como vimos, sem referência ao tempo. Nem tempo, nem entropia.

Qual é o furo dessa explicação? O furo está no fato de que a ação, ela mesma, não é feita com significantes... para descer você fez um esforço que se perdeu para evitar que os 80 quilos se estabacassem lá em baixo, e para subir você teve que fazer um novo esforço, esforço duplicado para vencer a gravidade. No conjunto, a entropia sobe! A energia usada se dissipou, mesmo se para a mecânica não houve nenhum trabalho. Eis onde entrou também a máxima de Taylor: Tempo é dinheiro que, nesse trabalho com os 80 quilos, se perdeu para sempre – tirando qualquer capitalista do sério...

Tempo é um conceito que aparece porque existe entropia. O que acontece nesse instante implica que o que aconteceu dez minutos atrás é diferente do que acontece agora: as coisas aconteceram às expensas do crescimento da entropia, houve um acréscimo de entropia. Por isso criou-se uma escala que acompanha essa mudança, e a essa escala chamou-se tempo.

Os limites do gozo e o tempo lógico

Se o significante é a energética, conforme Lacan, a inscrição dos traços mnêmicos, conforme Freud, então, ao se referir ao significante, não dá para determinar o tempo – como vimos, o inconsciente é atemporal. Isso também coaduna com o princípio da incerteza, de Heisenberg, que ao referir-se ao mundo microscópico – campo da física quântica – percebeu que num par complementar, por

exemplo o par *posição* e *velocidade* de uma partícula, não é possível determinar de forma absoluta ambas as grandezas complementares. Se medirmos com precisão absoluta a posição da partícula, não será possível determinar sua velocidade, e vice-versa. Outro par complementar estudado por Heisenberg é justamente o par *energia* e *tempo*. Se medirmos a energia de uma partícula não sabemos precisar o instante em que ela a possuía. Se precisarmos o instante em que possuía tal energia, não saberemos em que estado energético a partícula estava. Num primeiro momento, o absolutismo do tempo é desbancado pela relatividade, depois veio a teoria quântica, que o desbancou definitivamente. “[...] o tempo já não é considerado como uma grandeza primária, isto é, uma grandeza de onde se parte para construir ou derivar outras. Há mesmo quem diga que o tempo não existe. Existe sim o movimento, sendo o tempo uma grandeza derivada deste”¹⁹.

Donde é preciso levantar a hipótese de que se estudamos o inconsciente como atemporal, não se determina com precisão o gozo, e quando se determina o gozo – o tempo – então não dá para definir o significativo.

Tive a oportunidade de aprofundar a questão do gozo como processo cíclico²⁰ quando tentava entender o que Lacan²¹ articulava em seu *Seminário XVI* sobre a morte como encontro do limite mais baixo do ponto supremo com o mais alto do ponto ínfimo. O processo cíclico – que não deixa de implicar a repetição, mas a repetição na qual sempre se perde – é, sem dúvida, o processo que permite a contagem do tempo. Contagem do tempo, ciframento e gozo separam-se do inconsciente pela letra que lhes faz litoral²². O que finalmente nos leva à provocação: e o tempo lógico?

O tempo lógico e a castração

Minha visada com este trabalho é contribuir para a discussão da função do tempo numa psicanálise, no que tange à sessão analítica, levando em conta a disjunção entre a produção dos S1 no discurso analítico e a correlata perda de gozo, no mesmo discurso, ou seja, os próprios S1 no lugar do mais-de-gozar²³. Como observa Lydia Gomes Musso, nas “Preliminares” de nosso Encontro, a partir do texto *Posição do inconsciente*²⁴, desde cedo Lacan imiscui tempo e

¹⁹ *O tempo na física*, op. cit.

²⁰ Alberti. O bem que se extrai do gozo (2007, pp.71-2).

²¹ Lacan. Le Séminaire, livre XVI: D'un Autre à l'autre (1968-69).

²² Lacan. Le Séminaire, livre XVIII: D'un discours qui ne serait pas du semblant (1971-72a).

²³ Cf. o artigo *O bem que se extrai do gozo* (op. cit., pp.71-2), no qual se verifica a mudança dos lugares nos discursos a partir dos desenvolvimentos na conferência de 3 de fevereiro de 1972 sobre “O saber do psicanalista”.

²⁴ Lacan. Position de l'inconscient (1964/1966).

25 Musso. A Transferência é a intromissão do tempo de saber no inconsciente (2007, p. 1).

26 Cf. *Le Séminaire, livre IX, op. cit.*

27 Lacan. La direction de la cure et les principes de son pouvoir (1958/1966).

28 Lacan. Le Séminaire, livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse (1964/1973, p. 74). No original: “[...] la rectifier c’est le devoir de l’analyste, dans l’interprétation du transfert”.

29 *Ibid.*, p. 146. No original: “que l’inconscient se réfère par le moyen du transfert”.

30 *Ibid.*, p. 21. No original: “a découvert les mécanismes de l’inconscient. Que ce rapport du désir au langage comme tel ne lui soit pas resté voilé est justement là un trait de son génie, mais ce n’est pas encore dire qu’il ait [...] pleinement élucidé [...] la question massive de transfert”.

31 *Ibid.*, p. 147. No original: “intéressée dans le transfert, que c’est elle qui ferme la porte, ou la fenêtre, ou les volets, comme vous voudrez, et que la belle avec qui on peut parler, est là derrière, que c’est elle qui ne demande qu’à les rouvrir, les volets. Et c’est bien pour cela que c’est à ce moment que l’interprétation devient décisive, car c’est à elle qu’on a à s’adresser”.

transferência e ela cita: “Eis porque a transferência é uma relação essencialmente ligada ao tempo e ao seu manejo”²⁵. Gostaria de articular a conclusão de meu trabalho a essa observação que é aqui também uma homenagem à nossa colega que queria estar entre nós nesses dias, mas nos deixou em 9 de janeiro passado.

Levanto minha hipótese: o corte na transferência, o corte como significante²⁶, introduzindo o *tempo lógico*, interrompe o processo cíclico entrópico, promovendo, em consequência, a neguentropia.

Estratégia do psicanalista, conforme a *Direção do tratamento e os princípios de seu poder*²⁷, a transferência é repetição, mas da tiquê (*répétition à la tyché*), e é dever do analista retificá-la na interpretação²⁸. Lacan lembra, em seu *Seminário 11*, que a transferência é, antes de mais nada, conforme Freud, *Übertragungswiderstand* – resistência da transferência –, na medida “que o inconsciente se fecha por meio da transferência”²⁹. Rendendo homenagem, por sua vez a Freud, Lacan observa nesse Seminário que ele “descobriu os mecanismos do inconsciente. Que a relação do desejo à linguagem como tal não ficou velada para ele é justamente o traço de sua genialidade, mas isso ainda não é dizer que ele tenha [...] plenamente elucidado [...] a questão da transferência”³⁰. Em sua tentativa de fazê-lo então, Lacan – que até o final de seu ensino articula a transferência ao amor –, propõe que a parte de real do sujeito “interessada na transferência, que é ela que fecha a porta, ou a janela, ou a veneziana, como queiram, e que a bela com quem se pode falar está atrás, que ela só demanda reabrir a veneziana. E é bem por isso que nesse momento a interpretação se torna decisiva, pois é a ela que devemos nos dirigir”³¹. Esta “bela” que podemos associar à elaboração de Lacan do desejo do psicanalista ainda nesse mesmo *Seminário*, solicita a interpretação como ato analítico, a provocar a reabertura do inconsciente e, por conseguinte, a retomada da atemporalidade. Então, “que o inconsciente se fecha por meio da transferência” é a constatação do efeito, ele mesmo, entrópico da própria psicanálise, e introduzir aí o tempo lógico – e já não repetir o cronológico – é transformar tal efeito entrópico em ato analítico a reinserir a função da atemporalidade e assumindo, por sua vez, o lugar de objeto *a* que o faz cair da idealização, sem o que, a “transferência seria uma pura e simples obscenidade”³². Por quê? Porque reintroduziria, necessariamente, o ciclo das repetições de sempre “o mesmo fracasso”³³.

Referências bibliográficas

- ALBERTI, S. O bem que se extrai do gozo. In: *Stylus*, n. 14, abril, p. 65-76, 2007.
- BOUSSEYROUX, M. *Réponses aux questions*. Disponível em: <www.champlacanienfrance.net/IMG/pdf/mbousseyroux.pdf>. Acesso em julho de 2008.
- FREUD, S. (1905). Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. In: *Studienausgabe*. Frankfurt a.M.: S.Fischer, 1972. v. V.
- FREUD, S. (1920). Jenseits des Lustprinzips: In *Studienausgabe*. Frankfurt a.M.: S.Fischer, 1972. v. III.
- LACAN, J. (1956). D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose: In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- LACAN, J. (1958). La direction de la cure et les principes de son pouvoir: In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- LACAN, J. *Le Séminaire, livre IX: L'identification (1961-62)*. Inédito.
- LACAN, J. (1964). Position de l'inconscient. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- LACAN, J. *Le Séminaire, livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse (1964)*. Paris: Seuil, 1973.
- LACAN, J. *Le Séminaire, livre XV: L'acte psychanalytique (1967-68)*. Inédito.
- LACAN, J. *Le Séminaire, livre XVI: D'un Autre à l'autre (1968-69)*. Inédito.
- LACAN, J. *Le Séminaire, livre XVII: L'envers de la psychanalyse (1969-70)*. Paris: Seuil, 1991.
- LACAN, J. *O saber do psicanalista (1971-72)*. Inédito.
- LACAN, J. *Le Séminaire, livre XVIII: D'un discours qui ne serait pas du semblant (1971-72a)*. Inédito.
- LACAN, J. L'Étourdit. In: *Scilicet*, n. 4, Paris: Seuil, 1973.
- LACAN, J. *Le Séminaire, livre XXI: Les non dupes errent (1973-74)*. Inédito.
- MOREIRA, J. L. K. *O tempo na física*. Disponível em: http://www.daf.on.br/jlkm/OpiniaO/O_tempo_na_fisica.html. Acesso em julho de 2008.

32 Lacan. *Le Séminaire, livre XV: L'acte psychanalytique (1967-68)*. No original: Le "transfert serait une pure et simple obscénité".

33 *Le Séminaire, livre XI, op.cit.*, p. 165. No original: toujours du "même ratage".

MUSSO, L. (2007). A Transferência é a intromissão do tempo de saber no inconsciente. Disponível em: <<http://www.vencontro-ifepfcl.com.br/textos/pre6TransferPT.pdf>>. Acesso em julho de 2008.

NEGENTROPY. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Negentropy>>. Acesso em julho de 2008.

TIME. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Time>>. Acesso em julho de 2008.

Resumo

Baseando-me na referência freudiana que associa pulsão de morte e entropia, o que por si só já justifica reexaminar as origens e o desenvolvimento do termo emprestado da física para um estudo psicanalítico, esse texto visa examinar a relação entre tempo e entropia para verificar a hipótese do tempo como entrópico. Verifica-se tal hipótese tanto na física quanto na psicanálise, servindo-se da evolução do conceito de tempo na física, das contribuições da matemática e das referências de Lacan à negentropia.

Palavras-chave

Tempo, entropia, pulsão de morte, psicanálise e física.

Abstract

Freud's reference which associates the death drive and entropy, justifies an attempt to reexamine the origins and developments of the concept in physics and its possible application to psychoanalysis, particularly the relation between time and entropy and the hypothesis of time as entropy. This is verified in physics and psychoanalysis, through the examination of the evolution of the concept of time in physics, the contributions of mathematics and the references Lacan does to negentropy.

Keywords

Time, entropy, death drive, psychoanalysis and physics.

Recebido

08/05/2009

Aprovado

29/06/2009

